

Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

A Pórcia Guimarães Alves contida nas cartas (1946-1958)

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2.43670>

 Alexandra Ferreira Martins Ribeiro

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR, Brasil. E-mail: alexandrafmrribeiro@gmail.com

 Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR, Brasil. E-mail: alboni@alboni.com

Palavras-chave: Escrita de Si; Biografias; Cartas; Pórcia Guimarães Alves.	A Pórcia Guimarães Alves contida nas cartas (1946-1958) Resumo: A professora Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) teve formação educacional diferenciada e, concluindo o ensino superior, continuou sua formação com cursos e encontros científicos no Brasil e em outros países. Durante as viagens, trocava missivas com seus familiares, que foram mantidas em arquivo pessoal em plástico denominado "Cartas enviadas ao meu pai". Procurou-se analisar: qual a escrita de si de Pórcia contida nas cartas trocadas com seus familiares entre 1946 e 1958? Listaram-se os objetivos específicos: mapear os familiares mencionados nas cartas; analisar a materialidade do suporte epistolar procurando aspectos subjetivos em seus registros autobiográficos; e identificar temas narrados nessa escrita.
Key words: Biographies; Letters; Pórcia Guimarães Alves.	The Pórcia Guimarães Alves contained in the letters (1946-1958) Abstract: Professor Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) had a differentiated educational background and, after completing higher education, continued her studies and scientific meetings in Brazil and in other countries. During his travels, Pórcia exchanged missives with his family members, which were kept in his personal file in a plastic called "Letters sent to my father". The purpose of this study was to analyze: what is the written history of Pórcia contained in the letters exchanged with his relatives between 1946 and 1958? The specific objectives were listed: to map the relatives narrated in the letters; analyze the materiality of the epistolary support by looking for some subjective aspects in her autobiographical records; and identify the themes narrated in the writing of himself of Pórcia.
Palabras clave: Escritura de sí; Biografías; Tarjetas; Pórcia Guimarães Alves.	La Pórcia Guimarães Alves contenida en las cartas (1946-1958) Resumen: La profesora Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) tuvo formación educativa diferenciada y, concluyendo la enseñanza superior, continuó su formación con cursos y encuentros científicos en Brasil y en otros países. Durante los viajes, intercambia misivas con sus familiares, que se mantuvieron en un archivo personal en plástico denominado "Cartas enviadas a mi padre". Se buscó analizar: ¿cuál es la escritura de sí de Pórcia contenida en las cartas intercambiadas con sus familiares entre 1946 y 1958? Se enumeraron los objetivos específicos: mapear a los familiares mencionados en las cartas; analizar la materialidad del soporte epistolar buscando aspectos subjetivos en sus registros autobiográficos; e identificar temas narrados en esa escritura.
Artigo recebido em: 10/07/2018. Aprovado em: 07/12/2018.	

Introdução

Nascida no seio da classe média curitibana, Pórcia Guimarães Alves (1917-2005) teve uma educação privilegiada para o seu tempo, formando-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 1941. Mas suas atividades profissionais iniciaram já em 1938 como professora primária adjunta no Grupo Escolar 19 de Dezembro. Entre 1951 e 1982 fez carreira na UFPR, ministrando Psicologia da Educação, e por essa instituição recebeu o título de “professor emérito” em 1992. Esteve também à frente de outros projetos que expõe seu pioneirismo no campo da Psicologia no estado do Paraná: instalou e dirigiu o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais; organizou a fundação da Escola Mercedes Stresser; e empreendeu a constituição do Instituto Decroly.

Afora as marcas que deixou na história da educação e da psicologia do Paraná (RIBEIRO, 2018), reflexos de outro contexto podem ser observados na biografia de Pórcia. Durante sua trajetória, herdou do pai, Orestes, o hábito de compor um arquivo pessoal, e no ano de 2005 doou para o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR) 18 caixas contendo documentos, seus e de familiares, que se encontravam sob sua guarda. Somente no ano de 2017 esse arquivo começou a ser estudado por Ribeiro (2018), que buscou por meio desses documentos analisar a formação e atuação docente de Pórcia (1917-1962). O

ordenamento e composição desse arquivo também foi estudado por Vieira e Ribeiro (2018), segundo as autoras a docente desejava que sua coleção de documentos fosse estudada, por esse motivo a professora imbuíu seu acervo de valores materiais e simbólicos intuindo a construção de sua memória. O arquivo abriga mais de 18.000 documentos e entre eles uma coleção de cartas pessoais. Entre as caixas, um pacote intitulado “Cartas enviadas ao meu pai” acomoda 74 missivas trocadas entre Pórcia, o pai e as irmãs, em momentos em que a docente se encontrava em viagens, entre 1946 e 1958.

Segundo Gomes (2004), compor arquivos pessoais faz parte de um conjunto de práticas desenvolvidas pelos indivíduos modernos para materializar sua história, uma espécie de produção de si, ou seja, um conjunto diversificado de ações, desde a constituição de memória por meio do recolhimento de objetos até as atividades ligadas à escrita, como escrever cartas. No caso da carta, a materialidade desvela a combinação da escolha do suporte material com o discurso, refletindo a produção de si em forma de texto que expõe tanto o contexto quanto o discurso. Por isso, as 74 epístolas preservadas no arquivo de Pórcia tornam-se, ao mesmo tempo, fonte e objeto de investigação. O estudo dessas epístolas¹ possibilita a compreensão de Pórcia como mulher em suas particularidades, subjetividade

¹ Autores como Oliveira (2018) e IONTA (2013 e 2011) utilizaram cartas como principais fontes de pesquisa. Mesclando cartas, diários e memórias, Cunha (2018) estudou as narrativas de imigrantes. De qualquer maneira, os estudos auto(biográficos) sempre imprimem possibilidades e desafios como explicam Schmidt (2017), Loriga (2011) e Abahão (2018).

que, por vezes, pode ser omitida diante da bem-sucedida carreira profissional por ela percorrida.

Destarte, procurou-se analisar qual é a escrita de si de Pórcia contida nas cartas trocadas com seus familiares entre 1946 e 1958. O percurso a ser trilhado está fundamentado na história cultural, que permite: estudar as mais variadas fontes; múltiplos enfoques; e inúmeras metodologias (BURKE, 1991); e cujos objetivos são rastrear, identificar e analisar a maneira como, aqui por meio das epístolas, uma realidade social é forjada, pensada e dada a ler. Com isso, na escrita de si de Pórcia, além de subjetividades, também as práticas culturais do período podem ser identificadas nas representações, tornando as experiências dos sujeitos inteligíveis. As representações são “esquemas intelectuais incorporados que criam figuras às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço possa ser decifrado” (CHARTIER, 2002, p. 17); são as percepções e apropriações do mundo real, às quais, via discursos, são atribuídos significados. As cartas são documentos privilegiados de acesso aos discursos dos indivíduos e possibilitam a investigação das experiências e representações individuais. A correspondência “pode ser tida como uma prática ritualizada na qual indivíduos, confrontados com um conjunto de referências e modelos, devem classificar a realidade e reavaliar suas relações com os outros” (CAMARGO, 2000, p. 209).

Aqui, podemos entender que a escrita de si é, “[...] ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam simultaneamente, através dessa modalidade de ‘produção do eu’” (GOMES, 2004, p. 16). Disso se depreende que, para além de o texto ser uma representação de seu autor ou de o autor ser uma construção do texto, ou ainda uma constituição simultânea de autor e texto, por de trás da escrita de si existe um “eu” (CHARTIER, 2012, p. 63). Nada obstante, a compreensão de que a escrita de si abriga um “eu” não significa o entendimento do texto como uma verdade em si, mas a verdade do sujeito que o compôs e da intencionalidade durante a composição. A subjetividade do autor e sua verdade são expostas na linguagem da escrita de si, ou seja, toda a documentação da ‘produção do eu’ é compreendida como uma busca de ‘efeito de verdade’, “[...] que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões ‘íntimas e profundas’ do indivíduo que assume autoria” (GOMES, 2004, p. 14). As cartas de Pórcia, uma expressão do “eu” e de sua verdade, foram investidas de valores simbólicos durante sua elaboração e revelam características de foro íntimo e comportamentos públicos que a docente expressou. Nesse sentido deve-se procurar identificar o “eu” expresso no texto e confrontá-lo com outras fontes e possíveis interferências em sua elaboração.

Quanto a essas interferências, o padrão da escrita era convencionado por regras que variavam de acordo com o destinatário e as

situações, tornando-se uma escrita convencionada e quase nunca espontânea. Na escrita feminina, segundo Malatian (2015), as regras tornavam-se ainda mais específicas quanto à moderação na exposição dos sentimentos: deveriam expressar a vida privada de acordo com convenções de boas maneiras e com uma imagem de si cuidadosa com a espontaneidade e da exposição da intimidade. Dessa maneira, sobre a prática da escrita de si nas cartas recaiam a intencionalidade na forma de apresentar-se para o outro, que era regida pelas “boas maneiras”.

É preciso considerar, igualmente, que a escrita de si se intensificou a partir do século XVIII em conjunto com a relação que o indivíduo moderno estabeleceu com a produção de seus documentos e de sua memória. Os arquivos pessoais e demais documentos compreendidos como suportes para a escrita de si revelam documentos pautados em princípios como o da igualdade e da liberdade. Esses dois princípios são refletidos na escrita de si contida nas cartas, expressam a existência de normas sociais e práticas antes não possibilitadas às mulheres, assim como expõem algumas escolhas dos sujeitos diante do mundo que se apresentava.

Durante os séculos XIX e XX, à medida que a educação elementar se disseminava e novas tecnologias iam surgindo, foram sentidos impactos no cotidiano das pessoas, assim como foram se desenvolvendo variados suportes para a produção de si. As

transformações na sociedade, com a expansão da educação elementar e as novas tecnologias nos meios de transporte, também intensificaram a movimentação de pessoas e de objetos. Com a ampliação e a agilidade de movimentação geográfica dos sujeitos, promovidas pelo trem e pelo navio a vapor, automóveis e aviões, os indivíduos passaram a valer-se da prática cultural da escrita de cartas para relacionar-se com outras pessoas, apesar da distância espacial e temporal, e demarcar suas visões de mundo.

Por todo o exposto, procurou-se organizar esses aspectos em três espaços ou, ainda, objetivos específicos: o mapeamento dos familiares mencionados, que desvela particularidades da escrita de si de Pórcia e sua rede de relações; a materialidade do suporte epistolar, em busca de aspectos subjetivos; e a identificação dos temas narrados com os possíveis “eus” de Pórcia. No mapeamento das epístolas, segundo Malatian (2015), vai identificar os agentes que as integram, ajudando, via prosopografias, na compreensão de subjetividades das relações que são estabelecidas entre os correspondentes.

Os suportes para a escrita de cartas também revelam subjetividades dos missivistas. No entendimento de Gomes (2004) e Malatian (2015), todo estudo que utilizar cartas como fonte ou objeto de estudo deve atentar para a variedade dos suportes – coloração, tamanho, uso de tinta ou de máquina de escrever, timbre, selos, volume, periodicidade. Como fonte, as cartas revelam

escolhas daqueles que se correspondem e, como objeto, podem desvelar as variedades de um determinado contexto.

Já os temas, a estrutura e a maneira que o “eu” se apresenta na escrita das cartas podem ser desvelados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2015). A sistematização e a organização das cartas tornam as fontes inteligíveis e possíveis de serem relacionadas à fundamentação teórica e aos objetivos propostos. Após uma análise geral do conteúdo das cartas, categorias foram elencadas para que o estudo pudesse ser continuado. Entre elas, buscaram-se trechos que refletem um “eu”: que descreve; cuida-se, relaciona-se, preocupa-se, estuda e que se sente realizado e independente. Uma multiplicidade de “eus” que expressa fragmentos do indivíduo Pórcia.

No mais, todo esse estudo e percurso são relevantes considerando o crescente interesse por investigar biografias e autobiografias e que não são frequentes as pesquisas que se concentram nos estudos de epístola, já que “apenas mais recentemente foi considerada fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, objeto da pesquisa histórica” (GOMES, 2004, p. 10). Assim sendo, esse tipo de estudo pode contribuir para pesquisas ligadas a questões de gênero e para a compreensão de como a ação de indivíduos tidos como comuns pode ser influenciada e influenciar as práticas culturais.

Pórcia e outros atores

Na década de 1940, havia 40 milhões de brasileiros, mas menos da metade era alfabetizada e apenas um terço vivia nos centros urbanos, com acesso às novidades que chegavam via imprensa, literatura, cinema e pela própria escola (SCOTT, 2016). Nesse período, apenas 29,4% das mulheres eram alfabetizadas, e era ínfimo o número de mulheres que dispunham do diploma de ensino superior (ROSEMBERG, 2016). Além disso, as poucas que deram sequência aos estudos, até 1950, optavam por fazer carreira em áreas consideradas femininas: enfermagem e magistério (AREND, 2016).

Pórcia compunha este pequeno grupo, e vivendo no centro de Curitiba tinha acesso a um mundo que era amplificado e aproximado pelos meios de comunicação. Durante sua trajetória profissional, esteve lotada em mais de uma instituição de ensino e ocupou posições de confiança ligadas ao governo. Tais atividades também lhe deram a oportunidade de viajar a trabalho e também para instruir-se. De 1946 a 1958 esteve em: Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Chile, Bahia, Europa, Rio de Janeiro, São Paulo, Teresópolis, de volta a Salvador, Santos, Chile e Europa, novamente.

Apesar desses afastamentos, seu arquivo torna evidente que mantinha e estreitava as relações com seus familiares por meio de missivas – remetidas e recebidas – que circularam quando estava longe de Curitiba. As 74 cartas estudadas envolvem Pórcia – autora/protagonista – e mais três atores

diretamente envolvidos: Orestes, o pai; Paulina, a irmã; e Dalena, a irmã mais nova. Nesse montante, há 57 cartas de Pórcia a Orestes e 17 cartas enviadas à Pórcia: 12 de Orestes; 2 de Dalena; e 3 de Paulina.

Mas as cartas mencionam também outros personagens, como: Joaquim (cunhado, casado com Paulina); Claro (irmão); Léa (cunhada, casada com Claro); Ruth (a madrastra); Tatá (a babá); Christina e Maria Cristina (as sobrinhas, filhas de Paulina); e Alena e Orestes Augusto (os sobrinhos, filhos de Claro). Por isso, considerando a assertiva de que quem escreve a carta sempre revela algo sobre quem a recebe, proposta por Bastos, Cunha e Mignot (2002), procurou-se fazer uma breve prosopografia² dos demais agentes envolvidos a fim de compreender detalhes da própria Pórcia, para quem ela escrevia, que posição ocupava na família, graus de hierarquia afetiva e possíveis relações que estabelecia com cada um.

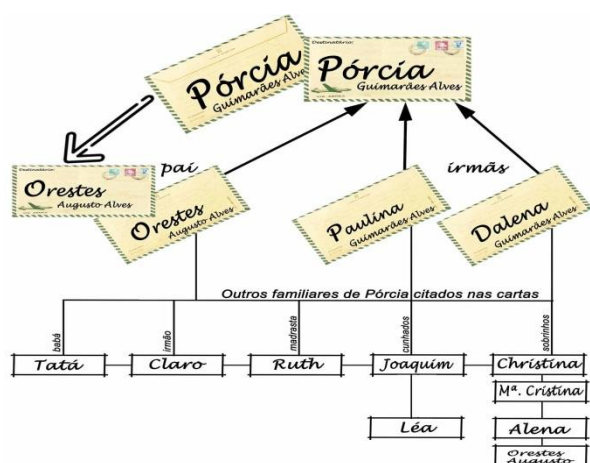


Figura 1 – Fluxo de cartas e informações entre Pórcia e seus familiares

Fonte: As autoras, com base nos arquivos de

Pórcia. Imagem dos envelopes extraída de: ALVES, O.³, 13 ago. 1951.

Orestes: o pai. Na cidade de Paranaguá, em 1887, nasceu Orestes Augusto Alves. Em 1889, após o falecimento do pai, Orestes e a família mudaram-se para Curitiba, a fim de que sua mãe pudesse trabalhar como professora. Diferentemente de outros 80% de brasileiros analfabetos no início do século XX, Orestes completou seus estudos, o que o habilitou a tornar-se funcionário do Estado do Paraná, função que exerceu até se aposentar. Na década de 20, casou-se com Magdalena, e dessa união nasceram cinco, nessa ordem: Pórcia, Paulina, Manoel Claro, Orestes Augusto e Dalena. Mas com o falecimento de Magdalena, em 1930, teve de assumir a formação dos filhos e, para essa tarefa, contou com a ajuda da filha mais velha, Pórcia.

Ribeiro (2018) considera que Orestes foi uma figura importante na formação de Pórcia, dando incentivo aos estudos e apoiando as decisões da filha. Na leitura das cartas, evidenciou-se a admiração e o respeito mútuos entre pai e filha. Além disso, ele foi o primeiro responsável pelo arquivamento das cartas, legadas depois a Pórcia.

É interessante aqui observar que, em princípio, é o ‘outro’ – aquele a que se destina a carta – que passa a ser responsável e

² Sugere-se a leitura de Stone (2011) para maior compreensão acerca da prosopografia.

³ Neste trabalho, convencionou-se fazer a indicação bibliográfica da autoria das cartas da seguinte forma: a) ALVES, [data] indica carta enviada por Pórcia; b) ALVES, O., [data], carta enviada por Orestes; c) ALVES, P., [data], carta enviada por Paulina; e d) ALVES, D., [data], carta enviada por Dalena.

proprietário da carta, pois “[...] cabe a quem lê, e não a quem escreve [o autor/editor], a decisão de preservar o registro. A idéia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas” (GOMES, 2004, p. 19). Portanto, as decisões de Orestes – arquivamento e manutenção desses documentos – é que permitiram o acesso a esses registros.

Da primeira viagem para o Chile, em 1949, foram arquivadas e mantidas 28 cartas enviadas de Pórcia para Orestes, mas não se tem acesso a nenhuma das cartas recebidas pela professora. Por outro lado, ao analisar essas missivas enviadas para o pai, sabe-se que Orestes estava em comunicação com a filha. São explicitados o envio de cartas por Orestes para Pórcia em várias cartas e trechos como: “[...] recebi notícias de casa e fiquei satisfeita em saber que tudo vai bem” (ALVES, 19 jan. 1949).

Apesar de o arquivo das cartas envolver principalmente a relação de Pórcia com seu pai, mantiveram-se cinco cartas enviadas a Pórcia por Paulina e Dalena. Essas missivas revelam particularidades da professora, e por esse motivo cabe explicar a relação entre as irmãs.

Paulina e Dalena: as irmãs. De acordo com Ribeiro (2018), Pórcia (e consequentemente suas irmãs) integrava um grupo de moças de classe média urbana que vivenciava as paulatinas mudanças nos hábitos de trabalho, casamento e oportunidades de lazer, e também suas contradições. Segundo

Lagrange (1991), apesar da progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho, as profissões autorizadas, durante o século XX, eram as de professora, secretária ou enfermeira. A formação de professoras foi estimulada porque se considerava que “elas, ‘verdadeiras mães’, têm ‘vocação’ para o ‘sacerdócio’ que é o magistério” (ROSEMBERG, 2016, p. 338). Já Maluf e Mott (1998) complementam que delas se esperava ainda uma eficiência na gerência do lar e, em público, deveriam apresentar-se como esposas adequadas, detentoras de conhecimentos sobre vários assuntos e preservando aspectos de pureza e de submissão ao marido provedor.

Esse cotidiano contraditório foi vivenciado por Pórcia e suas irmãs. Pórcia, professora com curso de Enfermeira Socorrista e nível superior completo, seguiu a carreira intelectual. Ela poderia ter optado por casar-se, não fossem as inúmeras qualidades exigidas para o candidato a companheiro, o desejo de vivenciar o amor romântico e as possibilidades a que ela tinha acesso. Já Paulina e Dalena representavam entre si os pontos extremos e opostos do que se esperava para as mulheres da classe média do período.

Por meio das cartas que recebia de Paulina, Pórcia se conectava a atividades cotidianas de uma típica administradora do lar, mãe e esposa de um marido provedor. Paulina, casada com Joaquim e mãe de três filhos, contava: “Eu não escrevi antes porque não tive tempo, no duro; só entrou uma cozinheira e

enquanto ela limpa a cozinha eu corro a escrever-te um bocado” (ALVES, P., 2 jul. 1951); “Chris [filha de Paulina] conta a todos que estás na Europa e que lá tem rio [...]. Não é ‘corujismo’, podes crer, mas elas estão um sucesso. [...] Receba de tuas sobrinhas todo amor e carinho” (ALVES, P., 25 jul. 1951).

Mas, lembrando que quem escreve sempre revela algo sobre quem lê, alguns meio-segredos foram sinalizados por Paulina. Em 1951, narra: “Tem carta de Pedro (quase que a li)” (ALVES, P., 25 jul. 1951); “Chegou carta do Pedro, mas eu não te vou enviar, pois tenho medo que se extravie” (ALVES, P., 5 ago. 1951). Essas palavras demonstram a curiosidade de Paulina em saber o conteúdo da carta que Pedro destinou a Pórcia.

Quanto às cartas de Dalena à Pórcia, os assuntos trocados demonstravam interesses em compras, passeios, novidades ou encontros com rapazes, afinal a irmã mais nova era solteira, assim como Pórcia. “Ontem comprei uma fivela para o cabelo.”; “Foi ao Pampulha?”; “O Gabriel [...] deixou o convento” (ALVES, D., 28 jun. 1946); “Gostei de seu almoço com o cearense”; “Estou ansiosa por novidades, mas não escreva, não perca tempo, e nem dinheiro telegrafando” (ALVES, D., 30 jun. 1946).

As correspondências entre as irmãs desvelam as oportunidades disponibilizadas às moças e aos rapazes moradores das áreas urbanas e que compunham a classe média. As viagens oportunizavam a formação continuada de Pórcia por meio dos congressos, mas

também encontros, jantares, momentos de lazer e relação com pessoas diversas, entre elas com rapazes. Por meio das cartas de Dalena a Pórcia, imagina-se que os assuntos registrados nas missivas faziam parte dos interesses comuns às duas irmãs.

Nas cartas que Pórcia enviou e recebeu do pai e nas epístolas que recebeu das irmãs, alguns nomes foram citados com recorrência, e pode-se esboçar a proximidade das relações que com essas pessoas a docente desenvolveu. Nos registros apareceram: 31 vezes o nome de Claro, irmão de Pórcia; 20 vezes o de Tatá; 18 vezes o de Léa; 18 vezes o de Joaquim; 8 vezes os nomes de Christina e Maria Cristina; e 8 vezes os nomes dos sobrinhos Alena e Orestes Augusto. Ao observar essa constância, vê-se que as informações e os assuntos trocados não se restringiam ao remetente e ao destinatário.

Pórcia era a irmã mais velha, depois dela vinham Paulina e Manoel Claro. No arquivo não há carta remetida ou recebida de Claro, mas os registros evidenciam que, no período estudado, havia comunicação entre eles. Pórcia comentava: de Valparaíso, “Já escrevi, hoje, para o Claro uma carta bem longa, pois ainda não lhe tinha escrito e hoje é seu aniversário” (ALVES, 2 fev. 1949), demonstrando que se afeiçoava ao irmão. Mas em outras epístolas fazia um desabafo ao pai: “De passagem por S. Paulo, não vi o Claro; ninguém me esperou no aeroporto” (ALVES, 10 jul. 1947), escreveu, do Rio de Janeiro.

Por meio das palavras de Pórcia, percebemos que o “pacto epistolar” entre ela e

o irmão não estava sendo cumprido; e por mais investimentos que ela tivesse feito para estabelecer os “laços de papel” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002) as informações sobre Claro acabavam sendo enviadas por outros. Em Paris, por exemplo, Pórcia recebeu de Orestes a seguinte nota: “Ele andou aqui acompanhado de uma ‘lambisgoia’ e se foi com ela” (ALVES, O., 30 jul. 1951).

Se nesse período as cartas parecem indicar que Claro estava solteiro, cinco anos depois o nome do irmão era acompanhado do nome Léa e filhos. Em 2 de novembro de 1956, por exemplo, Pórcia aproveita a mesma carta que envia ao pai para escrever a Léa, pedindo a ela que não se preocupasse, pois o enxoval de Paulina para o bebê que ia nascer estava completo. Nas palavras de Pórcia, estão expressos os sentimentos de tia por seus sobrinhos, a tentativa empática de a docente colocar-se no lugar de Léa e a busca em descrever um assunto de interesse de Claro. No entanto, na ausência de carta do irmão ou da cunhada, quem novamente dá o retorno sobre Claro, Léa e as crianças é Orestes: “A Léa e Claro passaram aqui ontem à noite, iam ao cinema; os netinhos continuam se criando sem novidades” (ALVES, O., 13 jul. 1958). A atenção de Orestes em atender aos questionamentos acerca da família, feitos por Pórcia, ajudava a fortalecer e manter os laços estabelecidos entre filha e pai. Laços que se ampliavam à medida que outros membros passavam a integrar a família.

Ruth também foi um desses nomes que

constantemente apareceram nas cartas, a partir de outubro de 1949: da Bahia, “[...] que o senhor e a Ruth estejam gozando ótima saúde” (ALVES, 14 out. 1949); de Londres, “Abraços à Ruth” (ALVES, 3 jul. 1951). Estima-se que esses termos procuravam expressar sentimentos de carinho para com a nova esposa do pai. Orestes, por sua vez, respondia: “A Ruth envia-te saudades e abraços” (ALVES, O., 13 set. 1958).

A entrada de Ruth na família coincidiu com a mudança de Pórcia para um apartamento só seu. Da cidade de Veneza, em 1951, pedia ao pai: “[...] aconteça o que acontecer, o senhor conserve o meu quarto – pegado ao meu escritório” (ALVES, 12 jul. 1951). Nesse registro percebemos a preocupação de Pórcia para que não fosse alterado seu cômodo na casa em que morava com o pai. Mas em 1958 Orestes avisava a Pórcia: “[...] eu e Ruth fomos até o seu apartamento” (ALVES, O., 30 jun. 1958). Ainda que vagamente, podemos entender, por esses trechos, que Pórcia, aos 33 anos, ainda vivia na casa de seu pai, mas aos 40 já possuía seu local próprio para viver.

Não obstante a mudança de residência por parte da professora, Ribeiro (2018) salienta que Pórcia tinha uma visão mais ampliada de família, já que, à medida que os irmãos iam encontrando companheiros ou os sobrinhos iam nascendo, a professora os integrava à sua ideia de família. Tatá – babá de Pórcia quando criança – também era representada como ‘gente de casa’. Da cidade de Salvador, Pórcia narrou: “Saudades a todos e beijos em Tatá e

Dalena” (ALVES, 17 jul. 1947) – nessas palavras a professora coloca Tatá antes do nome da própria irmã. Da cidade de Santiago, escreveu: “Peço que dê a todos o meu grande afetuoso abraço, especialmente à Tatá, e que envie daí a sua benção protetora e amiga para a sua Pórcia” (ALVES, 5 jan. 1949) – nesse registro, além de exteriorizar seu carinho por Tatá, a docente ainda a solicita sua bênção, o mesmo pedido que Pórcia sempre destinava ao pai; à vista disso, estima-se que a professora via em Tatá outra pessoa que poderia lhe conceder o desejo de proteção a distância.

Por meio das fontes, não foi possível saber se Tatá constituiu família, porém os registros desvelam certo compromisso da professora perante Tatá, que contava 87 anos. Por exemplo: da cidade de Montevideú, Pórcia rogava: “Peço que dê por mim 10 cruzeiros para Tatá” (ALVES, 29 dez. 1948). As epístolas enviadas a Pórcia por Paulina também indicam o paradeiro e o estado de saúde de Tatá, então prestes a completar 90 anos: “Tatá está bem, [...] só fica um pouco cansada nos dias ‘não bons’” (ALVES, P., 12 jul. 1951); “Tatá não tem ficado ruim como fica. [...] Tatá manda-te a benção carinhosa e saudosa” (ALVES, P., 25 jul. 1951). Pelas cartas, estima-se que a ama de Pórcia residia com Paulina, e que, apesar da contribuição monetária e do afeto explicitado nas cartas, Tatá não concretizou sua autonomia.

Outros aspectos da relação que se estabeleceu entre Pórcia e Tatá podem ser encontrados no confronto com outras fontes,

por exemplo na entrevista de Pórcia ao Museu da Imagem e do Som do Paraná:

Tive o privilégio de ter a beira do meu berço a Tatá, neta de escravas minas, que já fora ama de minha mãe. Com ela aprendi lições de humildade e compreensão, toda rica fabulação das estórias dos escravos e a reminiscência dos fatos históricos dos quais participou, a vida na corte, a visita dos Imperadores ao Paraná, hospedes que foram do meu bisavô e tataravô Manoel Antonio Guimarães, Visconde de Nacar (ALVES, [198-?], p. 2).

Aqui Pórcia se vale da figura de Tatá, a ama de leite que a servia e que já havia servido sua mãe, para definir uma distinção social-econômica. De um lado, descrever Tatá como a “neta de escravas minas” pode ser interpretado como uma forma de ostentar certa hierarquia quanto ao tipo de escrava de que Tatá era neta, já que as escravas minas, de acordo com Dias (2016), provinham de regiões mais urbanizadas da costa ocidental da África e, por esse motivo, julgavam-se superiores às outras. De outro, o nome de Tatá também serve de suporte para que Pórcia possa registrar o período de nobreza de seu antepassado Visconde de Nacar.

Nas missivas enviadas depois de 1951, Tatá não foi mencionada, entretanto os nomes dos cunhados, sobrinhos, irmãos e da madrastra continuaram recorrentes nas correspondências a Orestes. Assim, na relação que se estabelecia entre o remente e o destinatário, outros atores demonstraram sua importância ao longo das cartas trocadas entre Pórcia e seu pai. Nos papéis brancos ou coloridos, lisos ou pautados, manuscritos ou datilografados, os nomes iam

surgindo ao longo das 74 cartas analisadas. Isso posto, partimos agora para a compreensão do suporte material que concretizava essas histórias embutidas na escrita de si de Pórcia.

A materialidade observada nas cartas

Intuindo maior interação com o objeto de estudo, foi necessário reorganizar e transcrever as cartas contidas no plástico denominado pela própria professora como “Cartas enviadas ao meu pai”. Após digitalizar as 135 folhas que compunham as 74 cartas, as correspondências foram organizadas em uma sequência temporal e separadas em arquivos referentes a cada viagem nelas registrada.⁴ Em um segundo momento, as cartas foram transcritas e posteriormente verificadas.

⁴ Quando foi possível identificar início e fim da viagem, em geral para as viagens internacionais o período era maior do que para as nacionais. Na viagem ao Chile, existe uma discrepância entre o número de cartas enviadas durante a viagem de 1951 e 1958, quando analisadas as missivas que foram arquivadas. Com base no arquivo das epístolas, a quantidade de cartas enviadas durante a viagem de 1951 supera o número de missivas da viagem de 1958, assim como em 1951 foi maior o número de dias em que a professora esteve ausente. Entretanto, a relação entre o número de dias dedicados a cada viagem e a quantidade de cartas enviadas em cada período não pode ser concluída, dada a existência de registros nas missivas que evidenciam que cartões-postais foram enviados, mas não foram mantidos no arquivo. Por exemplo, as narrações demonstraram que a viagem para a Europa em 1951 teve duração de pelo menos 56 dias, porém apenas 7 das cartas enviadas por Pórcia foram arquivadas. Da viagem à Europa em 1958, foi possível identificar que durou 43 dias, mas somente 6 cartas foram mantidas.

Tabela 1 – Relação de cartas, enviadas e recebidas, por viagem e por data

Viagem com destino à cidade	Dias de estada	Cartas de							
		Pórcia para Orestes		Orestes		Dalena		Paulina	
		cartas	folhas	cartas	folhas	cartas	folhas	cartas	folhas
Belo Horizonte	s/i								
Porto Alegre	22	1	2			2	4		
Salvador (1947)	15	2	3						
Chile (1949)	87	28	49						
Bahia	s/i	1	2						
Europa (1951)	56	7	12	8	11			3	7
Rio de Janeiro	s/i	1	1						
São Paulo	s/i	1	1						
Teresópolis	s/i	1	2						
Salvador (1955)	s/i	1	2						
Santos (1956)	s/i	1	4						
Chile (1958)	48	7	15						
Europa (1958)	43	6	13	4	7				
Total		57	106	12	18	2	4	3	7

Fonte: organizada pelas autoras, com base nos arquivos de Pórcia.

Os selos e os timbres

Paulatinamente, o mercado de impressos passou a oferecer, além de cadernos, livros e álbuns, papéis de carta e toda uma gama de produtos que objetivavam atender a um público, com poder aquisitivo e idades variadas, que buscava suportes para a prática da escrita de si. (GOMES, 2004). Por isso desde o século XIX a indústria desenvolveu os mais variados tipos de papéis, formatos, cores, acrescidos de requintes nos timbres ou monogramas, que ao passar dos olhos possibilitavam a identificação de sua origem e representavam sinais de distinção. (MALATIAN, 2015).

Quanto ao suporte material das cartas que Pórcia recebeu, as 5 cartas escritas pelas irmãs são manuscritas em folhas de papel liso. Das 12 escritas por Orestes a Pórcia, 11 são datilografadas e 1 manuscrita, todas em papel liso. Das 57 cartas de autoria de Pórcia, todas

manuscritas⁵, 33 foram escritas em folhas de papel timbrado, 1 em papel pautado e 23 em papel liso. As folhas apresentavam timbre de logotipos de hotéis e congressos que Pórcia frequentava e auxiliavam na materialização do local geográfico, o que permitia maior interação entre o destinatário, o pai, e o local onde Pórcia estava.



Figura 2 – Exemplos de papéis timbrados

Fonte: as autoras, com base nos arquivos de Pórcia.

Ela também ajudava Orestes a montar uma coleção. Do Peru, escreveu: “Aqui vai mais este envelope timbrado para a coleção que já deve estar bem grande” (ALVES, 14 mar. 1949). Além de enviar os papéis timbrados, auxiliava o pai a completar uma coleção de selos. Da cidade de Santiago: “No Uruguai não encontrei selos comemorativos à venda e na Argentina só se adquire em casas especiais e que se encontram *cerradas*, pois estive lá em dias feriados. – Hoje vou ao correio daqui saber se há” (ALVES, 5 jan. 1949).

Pórcia preocupava-se em saber a forma

como pai gostaria que os selos fossem enviados e se estavam sendo recebidos. Da cidade de Lima, Pórcia questionava: “[...] agora, estou preocupada, com medo que ele tenha colocado de maneira não filatélica os selos para franquear ao lado dos outros que, conforme instrução sua” (ALVES, 28 fev. 1949). A preocupação também envolvia a confirmação de recebimento dos selos. Da cidade de Santiago, Pórcia interrogava: “Será que os envelopes com selos bonitos lhe chegaram?” (ALVES, 15 fev. 1949). Dessa maneira a compra e o envio de selos tornavam-se uma ocupação para a Pórcia viajante.

Durante a viagem para o Chile, em carta remetida de Valparaíso, no ano de 1949, Pórcia explicou: “Meu pai: Desejando remeter-lhe todos os dias envelopes bonitos com os selos que comprei em Santiago, aproveito para escrever” (ALVES, 3 fev. 1949). Pelas palavras de Pórcia, pode-se compreender que os variados suportes materiais para a escrita das cartas tornavam-se um incentivo à prática cultural das epístolas. Sobre a compra do suporte material, da cidade do Rio de Janeiro, em 1958, em folha de papel pautada Pórcia relatou: “[...] estou escrevendo no balcão de 1 livraria, onde vim comprar papel e envelope” (ALVES, 14 jun. 1958). E com isso as palavras da docente indicam que os suportes se encontravam disponibilizados para a compra também nas livrarias.

Pela periodicidade de envio de cartas que abordam a questão dos selos, percebe-se que a procura desses itens colecionáveis,

⁵ Dessa forma, no momento da transcrição dessa coleção familiar inédita, 63 cartas eram manuscritas e impuseram certos cuidados na identificação das palavras. Mesmo com cuidado para tentar decifrar o conteúdo manuscrito, em 30 trechos foi necessário usar o termo “incompreensível”.

apesar da distância entre o destinatário e o remetente, também promovia a interação entre Pórcia e seu pai e a incentivava a escrever. Por outro lado, com o passar do tempo, Pórcia passou a considerar essa prática como onerosa. Da cidade de Lima, escreveu, parecendo decidida: “Não vou mais comprar selos – é verdade que gasto 1 dinheirão em correspondência” (ALVES, 28 fev. 1949). Em contrapartida, seu pai também informava seus gastos com a prática: “Li que no último dia de Paris despendeste 1.100 francos [franceses] em selos [...]. Pois eu também... nas cinco cartas [com esta] aéreas e registradas, já gastei uns 700 francos” (ALVES, O., 30 jul. 1951).

Manuscritas ou datilografadas, todas eram assinadas

Apesar da diferença entre o suporte para escrita – datilografada ou manuscrita –, tanto as cartas manuscritas de Pórcia quanto as datilografadas de Orestes eram finalizadas com a assinatura do remetente à caneta. Pórcia, em viagem, não tinha à disposição uma máquina de escrever, por isso suas cartas eram sempre manuscritas com caneta esferográfica. As de Orestes eram datilografadas, mas a assinatura também era sempre à caneta. Dessa maneira, criava-se pessoalidade nas missivas.

Para além de informações, Pórcia recebia do pai outros objetos e “mimos” dentro dos envelopes: fotos, ervas medicinais ou dinheiro extra. O que trazia mais

proximidade. Como dissemos, os momentos e os locais dos quais Pórcia e seu pai escreviam eram distintos, e com isso proporcionavam reflexões também diferentes. Pórcia escrevia em viagens; seu pai, de sua cidade natal, em meio ao cotidiano. Isso é importante frisar porque, conforme coloca Malatian (2015), há dois tempos que conduzem as narrativas nas cartas: os ‘tempos mortos’, sem novidades acentuadas na vida cotidiana, completados com o envio de papéis escritos que promovem a coesão familiar por meio de conselhos, notícias e suporte emocional; e os ‘tempos fortes’, de festas natalinas, nascimentos, aniversários etc. E, por essa perspectiva, compreende-se que os registros de Pórcia foram elaborados em ‘tempos fortes’, enquanto que as missivas que recebia de seu pai eram produzidas em ‘tempos mortos’, por isso promoviam a coesão de pai e filha, e o suporte emocional a Pórcia, estando longe de casa.

A assinatura à caneta também pode expressar uma forma de dar legitimidade ao documento, e pode ser entendida como uma codificação epistolar que representa boas maneiras. Malatian (2015) reitera que, nas cartas, estão subentendidas as regras de boas maneiras, que se revelam controladoras da espontaneidade. Tais normatizações passaram a ser ensinadas na educação formal e determinavam um modelo para cada tipo de carta e conforme a proximidade da relação entre remetente e destinatário, porém não raras foram as vezes em que o estudo desse gênero demonstrou transgressões às normas. Assim,

por meio das normas a serem seguidas, as epístolas apresentam uma imagem pessoal codificada.

Isso pode ser observado nas cartas que Pórcia enviou para seu pai, desde o tratamento, a distribuição dos assuntos, até a finalização dos registros. Após colocar o nome da cidade de onde escrevia e a data, Pórcia iniciou 33 cartas com a expressão/saudação “Meu pai:”. Após distribuir os temas que variavam entre informações sobre a saúde, explanação sobre os locais que visitava, descrição dos hotéis em que se instalava, informações sobre cursos e congressos de que participava, Pórcia finalizou 32 de suas cartas com a expressão/despida “Da filha que pede a benção”.

À parte todo o caráter protocolar, a prática epistolar criava e sustentava o “[...] desejo de reciprocidade” (MALATIAN, 2015, p. 197). De Santiago, Pórcia relatou: “Meu pai: Já lhe escrevi tanto e não recebi resposta, e esta falta de notícia vem perturbar o encanto da temporada” (ALVES, 15 jan. 1949). Se havia ausência de cartas, a professora ameaçava, de Paris: “Se não me escreveram eu deixo de enviar notícias. Está bem?” (ALVES, 13 jul. 1951).

Destarte, Pórcia registrava nas cartas seu desejo de receber cartas mais detalhadas e com fluxo contínuo, mas no último ano, 1958, as exigências diminuíram. Da cidade de Valparaíso, escreveu: “Papai, o senhor quer me fazer um grande favor? No dia que receber esta, escreva um bilhete – não precisa mais do

que isto – dizendo como estão todos” (ALVES, 8 jan. 1958). No envio de missivas, como se observa, portanto, também estava o anseio por ter notícias de seus entes, numa tentativa de se fazer presente mesmo a distância.

Os múltiplos distanciamentos e os tempos

Contidos na escrita epistolar, podem-se identificar a distância no tempo e no espaço, assim como o próprio distanciamento entre aquele que escreve e os acontecimentos narrados. Gomes atenta para os múltiplos distanciamentos que integram essa prática cultural:

[...] da distância no espaço e no tempo entre as ações de escrever e ler cartas: a distância entre os correspondentes que se encontraram nesse lugar, físico e afetivo, constituído pelas cartas distanciamento entre o autor da carta de todos os acontecimentos narrados, principalmente os que têm nele mesmo o principal personagem (GOMES, 2004, p. 20).

Nas cartas escritas por Pórcia, evidenciam-se os múltiplos distanciamentos desde os quais ela escrevia – cidades brasileiras, como: Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul; e outros países, como: Argentina, Uruguai, Chile, Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Holanda, Dinamarca, Suíça –; em contrapartida o destinatário estava sempre em Curitiba. O momento de escrita de Pórcia e o da leitura feita por parte do pai ocasionavam um distanciamento no espaço e no tempo. Para fazer-se presente por meio da carta, outros

agentes precisavam ser inseridos na atividade, porém essa movimentação exigia um tempo.

Os trabalhos das empresas encarregadas na movimentação e chegada ao destino das cartas eram registrados nas correspondências de Pórcia. De onde podemos extrair que o nível de credibilidade atribuído ao número de dias em que as cartas demoravam a chegar e a certeza de que as correspondências chegariam ao destino alteram-se durante o período analisado. A apreensão de Pórcia quanto ao recebimento das cartas por ela enviadas foi narrada. Pórcia registrou: de Valparaíso, “Meu pai, com medo que as 2 últimas cartas não lhe tenham chegado, vou repetir” (ALVES, 3 fev. 1949); de Estocolmo, “[...] será que não receberam minhas cartas?” (ALVES, 19 jul. 1951). As palavras de dúvida expostas nas epístolas de Pórcia demonstram que, para ela, o envio não significava a garantia de que as missivas chegariam ao destino.

Para alcançar o destinatário, as cartas dependiam do serviço de outras empresas, correios e meios de transporte adequados. Em âmbito nacional, a entrega das cartas dependia dos correios e do exaustivo trabalho dos carteiros. Quando se trata de correspondências internacionais, os meios de transporte foram adquirindo novas tecnologias – especialmente após o término da Segunda Guerra Mundial –, e com o passar do tempo o avião tornou-se bastante eficiente no transporte de cargas e de pessoas (FERREIRA, 2017). Logo, as cartas escritas pelas mãos de Pórcia e de seus

familiares eram confiadas às mãos que prestavam serviços de transporte e entrega de cargas até chegarem ao destino esperado.

Por meio da análise dos registros contidos nas missivas trocadas entre Pórcia e seu pai, pode-se apurar a quantidade de dias que cada carta levava para chegar às mãos do destinatário desde a data postada pelo remente. Um dos registros demonstra que 27 dias foram necessários para que a correspondência chegasse ao seu destino, mas quando comparado com os demais registros acredita-se que houve um extravio dessa missiva. Nos demais registros das cartas de Pórcia, pode-se perceber uma alteração que varia entre 3 dias – no menor número – e 12 dias – no maior número –, para a movimentação entre a postagem e o recebimento das cartas. Fazendo a divisão entre o número de dias declarados entre a postagem e o recebimento e a quantidade de registro dessas operações, chega-se a este resultado: em média 6,5 dias eram necessários para que as cartas escritas por Pórcia chegassem a seu pai.

Mas também existia outro distanciamento, o temporal, entre a própria escrita da professora e os acontecimentos por ela registrados. A escrita de si de Pórcia e as cartas enviadas por seus familiares, em tempos variados, puderam ser identificadas por meio das expressões de passado – “ontem” (repetido 55 vezes) –, de presente – “hoje” (85 vezes); “estou” (77 vezes), de planejamentos de futuro – “Mas tudo lhe direi quando voltar” (ALVES, 28 fev. 1949) – ou ainda misturando dois

tempos verbais – como: “ontem e hoje têm ocorrido [...]” (ALVES, 17 jul. 1947). Um “ontem” que perdia o sentido literal para aquele que lia dias depois. Assim, a escrita de si Pórcia se revela em templos múltiplos e fragmentados que se impõem nos variados distanciamentos.

Por outro lado, a escrita de si de Pórcia também expõe uma tentativa de ordenamento do tempo. Gomes (2004) explica que o indivíduo moderno, fragmentado em sua memória e em si próprio, não pode ser compreendido como linear, singular e progressivo, mas que na sensibilidade da escrita de si a pessoa busca controlar a relação entre o tempo e o ‘eu’ do indivíduo moderno, procurando conseguir permanência, estabilidade e unidade. Destarte, mesmo com o caráter eventual e incontinuo da escrita, é possível traçar uma ordem temporal previamente estabelecida. Pórcia, mesmo que de forma não calculada, procurava delinear uma determinada constância e ordenamento de si nas missivas que escrevia. Uma continuidade que se expressava via suportes materiais que usava, na numeração que utilizava para definir uma ordem nas missivas com mais de uma página, por meio da datação e definição da cidade de onde remetia e pela tentativa de ordenamento dos temas registrados. De certa forma, mediante seu texto expresso nas cartas, também é possível captar um tempo, uma vez que suas missivas desvelam um determinado contexto.

Os registros dos “eus” de Pórcia

Nas missivas, Pórcia seguia certa estrutura ao escrever: descrever os locais onde estava, falar das comidas e bebidas, contar com quem estava relacionando-se. Não com a mesma frequência, a docente relatava informações a respeito de sua formação continuada, e algumas vezes expunha seus sentimentos. Por meio da observação da composição das cartas de Pórcia e considerando a proposta de Bardin (2015), foi possível elaborar categorias para distribuição dos trechos que melhor se encaixavam nos temas por ela abordados.

Quadro 1 – “Eus” de Pórcia

Categoria	Descrição
“Eu” descrevo	Registros de descrição de voos, hotéis, cidades, climas, língua e costumes, locais de compras, valor da moeda, e itinerários.
“Eu” me cuido	Registros acerca da observação das comidas, bebidas e observações da relação de Pórcia e seu peso.
“Eu” me relaciono	Registros de lazer e ocupações do tempo de Pórcia, trechos em que a docente fala sobre as pessoas com quem se relacionava em viagem.
“Eu” estudo	Registros sobre: cursos e atividades acadêmicas de que participava; assim como das informações acerca das pessoas com quem estabelecia contato nesses eventos.
“Eu” realizada	Registros sobre como Pórcia se sentia podendo vivenciar essas experiências.

Fonte: a autoras, com base nas cartas de Pórcia.

Alguns trechos encaixavam-se em mais de uma categoria, por isso as categorias não são fechadas em si. Tampouco foi possível considerar que a escrita de Pórcia fosse totalmente organizada e estruturada. Ou seja, durante a escrita, os assuntos mesclam-se, interrompem-se, demonstrando a característica fragmentada na escrita e a sinceridade de quem as escreveu.

“Eu” descrevo

Na categoria denominada “Eu” descrevo, foram separados os trechos das cartas em que Pórcia expõe detalhes sobre voos, hotéis, cidades, climas, língua e costumes, locais de compras, valor da moeda, e itinerários. Nessa feita, evidenciava atitudes, seu trabalho, seu prestígio e sua disposição em viajar sozinha a locais de costumes e línguas distintas: a caminho de Santiago: “[...] a passagem por sobre os Andes é algo de assombroso – aqueles picos gelados, a Aconcágua, bem próximo. Depois, Santiago aos pés: toda cinzenta, muito espalhada, cortada por largas avenidas arborizadas” (ALVES, 5 jan. 1949).

As descrições de Pórcia se referiam ao deslumbramento das possibilidades de avistar paisagens e ao conforto da viagem, mas é possível perceber pelas missivas que, com o passar do tempo, para Pórcia, os voos foram ressignificados: se nos anos de 1948 e 1949 as viagens aéreas ofereciam vistas inusitadas, nos anos de 1958 a descrição fora restrita à utilidade do avião como meio de transporte eficaz para chegar ao destino desejado.

No que tange à descrição dos hotéis, houve oscilação, por parte de Pórcia, entre descrevê-los como estabelecimentos necessários para o viajante e apresentá-los como local privilegiado e símbolo de status social. Em outras ocasiões, a exposições dos hotéis conectava-se a expressões ligadas a julgamento de valores. De Valparaíso,

escreveu: “Naturalmente que nós ficamos em 1 ‘modesto’ hotel pertinho da estação; ele, porém, se encontrou em outro, moderno, grande, luminoso e bonito” (ALVES, 26 fev. 1949).

Para o missivista, descrever o local visitado pode exprimir o desejo de mostrar-se na paisagem e o apelo de reconhecimento emitido para o destinatário, como se dissesse “[...] ‘eu existo, eu estou aqui, eu penso em você, gostaria que você se lembrasse de mim’” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 426). Portanto, a pessoa se desenvolve e expõe sua subjetividade na descrição que elabora.

A exposição sobre o clima também se tornava mais um detalhe para evocar imagens naquele que lia. Assim, Pórcia narrou ao pai: de Petrohue, “Estou à beira de um lago lindo de água verdes e não posso lhe chegar as margens porque chove torrencialmente” (ALVES, 21 fev. 1949); da Bolívia, comparava o clima ao da cidade-natal: “Aqui vai uma carta gelada, [...], sem aquecimento e com escassa água ‘caliente’, senti o frio de Curitiba.” (ALVES, 16 mar. 1949). Alguns fenômenos naturais vivenciados e descritos nas epístolas, no entanto, eram incomparáveis com o cotidiano do pai. Da cidade de Puerto Montt, escreveu: “Estamos próximos dos vulcões Osorno e Calbuco (infelizmente estão calmos). [...]. Desde que aqui cheguei não ouvi falar nem em terremoto, nem em erupção” (ALVES, 18 fev. 1949). Mas dias depois ela presenciou um tremor de terra na cidade de Lima: “Imagina, papai, que no Chile vivia dizendo

que queria assistir a 1 terremoto... E, aqui que não são frequentes, aconteceu isto; hoje é o 1º do ano e a média, por ano, é de 4. Como se vê foi especial para mim!"; “[...] ainda estou toda arrepiada e com medo – eu que nunca senti medo e que não penso na morte com temor” (ALVES, 4 mar. 1949), declarou Pórcia, identificando-se, na carta, com a imagem de uma mulher que não temia a morte.⁶

Pórcia era observadora. Em suas cartas, escolhia o que iria descrever de cada cidade, porém, em algumas missivas, expunha seu estranhamento ou familiaridade quanto àquilo que via e ouvia. Inscrevendo-se como se estivesse adaptada às novas realidades, registrou: “Tudo corre tão naturalmente que eu preciso fazer força para lembrar que estou no Chile” (ALVES, 5 jan. 1949). Em outros momentos comparava o que via com cidades brasileiras. “Montevideo foi para mim 1 decepção; afora as praias e os bairros [...], não há nada de notável. Está muito aquém de S. Paulo (ALVES, 29 dez. 1948); em Paris, “Acabo de chegar da Ópera – ‘L’opera’ – onde fui assistir o Ballet de Sérgio Leifar. O teatro é magnífico, mas não perde muito para o do Rio” (ALVES, 29 jul. 1951).

Gomes (1993) explica que, desde os anos de 1910, Rio de Janeiro e São Paulo representavam e rivalizavam o título de ícone

da modernidade brasileira, e entre os intelectuais paulistas e cariocas havia um sentimento de amizade e rivalidade que teve papel-chave na organização intelectual e política do país. Dessa forma, é compreensível que as duas cidades fossem referência para Pórcia.

O estranhamento também foi exposto nas descrições. Pórcia pintou Cuzco: “[...] onde vivem os descendentes dos incas. As vestimentas são bizarras, e as mulheres ainda carregam os filhos nas costas” (ALVES, 9 mar. 1949), “[...] e seu povo – que vive sujo e miserável – conserva muitos dos costumes dos seus maiores” (ALVES, 10 mar. 1949).

Mas, quanto ao povo das cidades europeias, Pórcia envia a Orestes seus juízos mais positivos. Ao que Orestes complementa:

Observando a ordem, o respeito, o asseio, a disciplina que vai por esses povos, deves te sentir diminuída como brasileira, inferindo que ainda estamos muito longe de chegar a esse grau de educação cívica. [...] A maioria da massa da nossa sociedade é composta de cafajestes e de vândalos; além disso, a corrupção funcional campeia por todos os setores [...]. Mas, que lástima, onde o remédio para sanar essa miséria nacional? [...] Será influência do negro? (ALVES, O., 9 ago. 1951).

Por meio das palavras de Orestes, estima-se que o estranhamento da docente aos costumes dos povos latinos americanos vem do seio familiar, de onde se explicita um preconceito ao lado de uma representação de civilidade europeia.

Para além das observações críticas para com a cultura brasileira, as palavras de Orestes

⁶ Em Ribeiro (2018) a questão da vivência do luto, na trajetória da vida de Pórcia, é discutida: ela vivenciou a morte da mãe aos 13 anos de idade e o falecimento do irmão dez anos depois. Dessa forma, mostrar-se forte tornou-se uma de suas características, e talvez uma necessidade.

demonstram que ele estava em sintonia com a viagem e as descrições de Pórcia. Comovido pela atitude da filha em escrever constantemente, apesar do olhar atento para as novidades: “[...] lembrado do dia cá do velho encafudo neste cantinho do Mundo; sou, pois, muitíssimo grato aos gentis votos de que o mesmo foi portador” (ALVES, O., 13 jul. 1958). E Orestes a incitava a continuar a observação nas viagens: “Enriqueceste com mais esta peregrinação pelo Sul da Europa e tua bagagem de conhecimentos; tens assim um lastro sobremaneira erudito, e das notas e apontamentos que, por certo, não deixaste de tomar por onde andaste, terás que editar um livro ‘Impressões de Viagens’” (ALVES, O., 25 jul. 1958).⁷

Não obstante, as missivas de Pórcia tornaram-se um testemunho do seu olhar para o mundo, mais especificamente da maneira como ela procurava descrever os locais por onde passava no intuito de manter conexão com seu pai. “Papai: Pegue um mapa da Europa para poder seguir minha viagem” (ALVES, 3 ago. 1951). Mas dividir seu olhar de viajante com o pai, apesar de trazer-lhe sentimentos, nem sempre implicava que a realização da filha era automaticamente sentida por ele, um homem que, apesar de orgulhoso da filha, contraditoriamente, por

vezes, ressentia-se da própria vida: “[...] conformado com a mediocridade a que estou afeito, às voltas com o prosaísmo burocrático e (até há pouco) as banalidades domésticas” (ALVES, O., 12 jul. 1951).

“Eu” me cuido

As cartas de Pórcia não se restringiam a seu olhar; informavam também minúcias de seu paladar. A escrita de si de Pórcia desvela uma mulher que gostava de comer, e de beber um bom vinho, comentando e dando detalhes sobre esses temas nas cartas. Mas, junto com o apetite por provar novos sabores, vinha a constatação de um peso fora dos padrões do período.⁸

Nos anos 1950, determinados padrões de beleza foram divulgados por meio de fotonovelas, cinema e revistas femininas. De acordo com Sant’Anna, “Nas fotografia das revistas que retravam mulheres belas, era comum a presença da pele branca com sobancelhas e cabelos escuros” (SANT’ANNA, 2016, p. 113). Na Figura 3 os retratos de Pórcia expõem justamente uma mulher com esses atributos. Já os corpos exemplares, no entanto, na era do automóvel e

⁷ No ano de 1991, o livro sugerido pelo pai estava nos planos da docente. De acordo com entrevista concedida ao jornal *O Estado do Paraná*, Pórcia estava trabalhando em um livro de crônicas de viagem intitulado *O trem para Xangai apitou* (MILLARCH, 1991, p. 20). Entretanto tudo leva a crer que a docente não concluiu seu projeto, uma vez que o livro não se encontrava em seus arquivos.

⁸ A Figura 3 apresenta Pórcia em dois momentos distintos, mas que representam o período da coleção de cartas analisadas. A imagem da esquerda pertencia ao certificado de habilitação para lecionar História Geral, História do Brasil e Geografia do Brasil no primeiro ciclo, pelo Ministério da Educação e Saúde (1948). A da direita integra a revista *Alta Sociedade* (1958), na qual se noticiava que a professora de Psicologia Educacional, da UFPR sairia de viagem para Portugal para participar do Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil.

da vida urbana, eram os mais esguios e leves, e assim as moças tinham de diariamente olhar a silhueta diante do espelho, a fim de “manterem a linha”.



Figura 3 – Pórcia aos 30 e aos 40 anos

Fonte: as autoras, com base nos arquivos de Pórcia.

Por meio da Figura 3 é possível perceber que a expressão facial da professora é diferente em momentos distintos. Na imagem da esquerda Pórcia expõe um meio sorriso para a fotografia que iria compor um documento profissional, enquanto que na fotografia da direita, destinada a Revista Alta Sociedade (1958), seu sorriso demonstra-se mais amplo. Pórcia, aos 40 anos, demonstra por meio de sua expressão sorridente um certo protagonismo, apesar de ter crescido ouvindo discursos sobre a necessidade da mulher conter seus sentimentos em público, a docente parecia não se importar com as normas discursadas. Entretanto, ao mesmo tempo, Pórcia esboça um cabelo preso e penteado tradicionalmente. Apesar de ter algumas práticas e pensamentos progressistas os estudos de Ribeiro (2018) revelam que Pórcia,

nas publicações em revistas e jornais, buscava-se vincular-se a imagem de uma intelectual, erudita e detentora de um status social privilegiado. Nesse sentido, estima-se que para Pórcia seus melhores atributos eram simbólicos. Pela perspectiva dos padrões de beleza, Pórcia, nas missivas, dizia considerar-se gordinha e carente de uma beleza incomum, entretanto atestava seu sucesso com o sexo oposto. Da cidade de Valparaíso, Pórcia narrou: “[...] sou muito procurada pelos rapazes – pela minha alegria! – Embora esteja aqui outras mais moças e mais bonitas, sou sempre a mais procurada e a que recebe mais convites!?” (ALVES, 6 fev. 1949).

Nessa época, roupas e maquiagens passaram a seguir novos padrões, e as roupas foram aos poucos perdendo o volume visando agilidade. Enquanto a pintura feminina passou a ser veiculada nos cinemas a partir de 1920, nos anos de 1950 a imprensa promovia a beleza e o glamour como conquistas individuais. (SANT’ANNA, 2016). Nos anos de 1960, o vestuário masculino e o feminino se assemelharam, de modo que podemos encontrar nas missivas de Pórcia que ela era adepta da pintura e também das calças. Em outros momentos, contou que, quando tinha pressa, não se maquiava, mas com tempo aderiu a essa prática. E que, além das calças compridas, seu vestuário era composto por vestidos e saias, o que fora expresso em outras cartas.

“Eu” me Relaciono

No contexto das missivas analisadas de Pórcia, os filhos deveriam obedecer aos pais, sem expressar seus desejos, e a filha só deixava de ser uma preocupação quando saísse de casa com a aliança no dedo. Por essa perspectiva a relação entre Pórcia e o pai era um tanto progressista para a época, e as epístolas revelam que, mesmo a distância, Pórcia expunha seus relacionamentos ao pai.

Scott (2016) explica que, na modernidade e com as possibilidades urbanas, o convívio entre os sexos passou a ser mais comum. Entretanto os padrões morais ainda vigoravam, e os comportamentos das moças sofriam a vigilância e as prescrições do entorno social. As moças mais soltas, por isso, corriam o risco de ser consideradas fáceis, inaptas a constituir casamento com um marido provedor, portanto a virgindade feminina continuava a ser valorizada. “Nessa época, as mulheres estudam, trabalham, circulam – porém, não estavam realmente livres; nem das prescrições de comportamento, nem dos preconceitos e da vigilância crítica do seu entorno social” (MOTTA, 2016, p. 92). Eram tidas como “velhas” as que não se casavam ou eram a “[...] expressão original do quase sempre anônimo percurso de vida de alguém que ousara pensar e agir por sua própria cabeça e se profissionalizar” (MOTTA, 2016, p. 92). Não obstante, o comportamento que Pórcia expôs nas cartas desvela que as normas e os padrões sociais não faziam parte de suas preocupações.

A maneira como aproveitava o tempo, ou pelo menos parte dele, comprova essa atitude: de Santiago, “[...] apesar de o ‘ruivo’ ser notável, só agora telefonei para despedir-me [...], porque os ‘fãs’, em demasia, cansam!” (ALVES, 26 fev. 1949). Sobre seu envolvimento com um médico, Pórcia perguntou a opinião do pai: “[...] ele continua apaixonado!? Com isto, não me parece bem ir à cidade em que ele reside; ainda mais que é 1 cidade pequena e ele é pessoa importante. Assim, pois, renuncio a conhecer mais 1 país. Que acha o Sr. disso?” (ALVES, 6 fev. 1949).

Apesar da impossibilidade de vigilância de suas ações, Pórcia as contava, provavelmente omitindo detalhes, ao pai. Em resposta a um provável aconselhamento recebido de Orestes em uma das epístolas, Pórcia escreve: “Quanto a minha conduta, fique descansado, meu pai, pois sempre uso demasiado a ‘cabeça’. E se o senhor soubesse como a sociedade chilena se encontra e como são levianas e amorais as mulheres argentinas e chilenas” (ALVES, 28 fev. 1949). Nos termos de Pórcia, além de atestar boa conduta, a docente vale-se da crítica e do juízo de valor sobre o comportamento das mulheres locais.

“Eu” estudo

Nas epístolas que Pórcia enviava ao pai, não eram extensas e detalhadas suas atividades acadêmicas e profissionais, entretanto elas estavam presentes e evidenciavam o “eu” estudo da docente. Durante as viagens Pórcia

relacionava-se com outros profissionais da educação, participava de eventos e prestava serviços.

Sobre as relações com outros profissionais da educação e trabalhos prestados pela docente, citou essas atividades em alguns trechos. Na Bahia, por exemplo, apresentou-se “[...] ao secretário de Educação” e teve “[...] a melhor das acolhidas” (ALVES, 17 jul. 1947). No Rio de Janeiro, aguardava o “Dr. Anísio” (ALVES, 25 jul. 1952). Já em 1955, de volta à Bahia, Pórcia explicou que seu trabalho era “[...] visitar escolas, conversar com as professoras e opinar sobre os problemas de educação” (ALVES, 18 jul. 1955). Dessa forma, as viagens possibilitavam-lhe o intercâmbio de informações, frequentar cursos e projetavam-na no campo educacional.

Porém sua dedicação aos eventos não era integral. Da cidade de São Paulo, do recinto da exposição, declarou que ficou mais com suas sobrinhas do que “nas sessões do congresso!” (ALVES, 22 ago. 1954). De Lisboa, Pórcia contou que em um dia fez a leitura de seu trabalho e no outro dia resolveu “gazejar” o congresso e ir passear em Belém (ALVES, 21 jun. 1958). Assim, na escrita de Pórcia pode-se perceber que as viagens eram, na verdade, uma mescla de seus interesses turísticos e acadêmicos.

“Eu” realizada

A escrita de si de Pórcia, exposta nas

cartas, revela um “eu” realizada. A realização era oriunda também da sensação de independência e de liberdade, e esses sentimentos foram expressos: “Encontrei Santiago no mesmo e saí pelas ruas com se toda a vida morasse aqui” (ALVES, 15 fev. 1949); da cidade de Estocolmo: “Ainda que com dificuldade consigo o que quero e saio sozinha a fazer compras.” (ALVES, 19 jul. 1951). Para a docente, estar em outros locais parecia algo “incrível”, mas a verdade era que ela vivenciava “[...] este ‘sonho louco!’” (ALVES, 20 mar. 1949). Na visão de Pórcia, essas experiências mereciam ser agradecidas, e em Salvador foi “[...] cedo ao ‘Bonfim’, agradecer ao padroeiro a graça de estar, de novo, na Bahia e de poder, de novo, voltar muitas vezes” (ALVES, 18 jul. 1955). A sensação de liberdade, de poder andar em um local não familiar, era sentida durante as viagens e expressas nas cartas que enviava a seu pai.

Orestes reconhecia a disposição e coragem da filha. Em missiva enviada para Pórcia, escreveu: “Eu a felicito pela disposição, viveza e diligência que te são características e desejo, de todo o coração, que assim continues” (ALVES, O., 30 jun. 1958). Orestes admirava a filha por sua determinação e a aconselhava a continuar enquanto tivesse energia e capital financeiro para despender nas viagens. Por outro lado, o pai fez-lhe uma ressalva, em carta enviada para Pórcia na cidade de Paris, assim registrada:

Mas tenho pensado: como vai ser a tua vida aqui, neste canto do Mundo, nesta medíocre e inexpressiva Curitiba, depois dessa viagem, desses passeios maravilhosos? [...] uma vez postas as finanças em ordem, arrumarás as malas para uma nova aventura, tal qual um ‘globe walker’... E, desta futura vez, onde será? Japão, Estados Unidos? O Mundo já te vai sendo pequeno... (ALVES, O. 23 jul. 1951, grifo nosso).

méritos – como professora e estudiosa – que por 3 vezes me trouxeram a esta terra formosa. E desta vez, em situação especial; como professora sem despesas, com apartamento individual, etc. Tenho sido imensamente feliz... (ALVES, 8 jan. 1958).

Considerações finais

A observação de Orestes sobre as contínuas viagens de Pórcia estavam corretas. Pórcia, desde sua viagem para o Chile, já afirmava: “Continuo a viver do presente e a sonhar com o futuro” (ALVES, 16 mar. 1949); “Ficarei curada da mania de viajar? O tempo dirá, mãe e pai?” (ALVES, 23 mar. 1949). Os documentos em seu arquivo comprovam que, com o passar dos anos, Pórcia não perdeu o gosto pela viagem. Em entrevista concedida à *Direção* (1991), contou que havia ido para Ilha de Páscoa, Singapura, Curaçao, Irã, Turquia, Nova Zelândia... e que em seu apartamento organizara um mapa dos lugares por onde havia passado.

As missivas de Pórcia, do período de 1946 a 1958, revelam, portanto, que a docente compunha um diminuto grupo de mulheres que, graças à independência financeira, tinham autonomia para decidir sobre suas vidas. Dessa forma, a escrita de si contida nas missivas de Pórcia mostram, igualmente, um “eu” escrevo a minha história:

Aqui estou, a lhe escrever pela terceira vez da beira do Pacífico, tendo para regalo dos olhos e de vida a sensibilidade, um panorama sempre lindo e sempre inédito. E o fato de estar aqui pela vez terceira me dá uma sensação de conquista e de suficiência. Porque têm sido os meus

No presente artigo, analisaram-se as cartas contidas no envelope intitulado “Cartas enviadas ao meu pai” – que formam o arquivo pessoal de Pórcia Guimarães Alves, mantido pelo IHGPR – com foco na chamada “escrita de si”. Escritas durante as viagens de Pórcia, entre 1946 e 1958, essas cartas foram mapeadas para a identificação dos familiares – remetentes ou destinatários – e para a delimitação de subjetividades da professora. Igualmente, foram investigadas as materialidades que as compunham e os traços particulares delineados.

Pórcia nasceu em novembro de 1917, na cidade de Curitiba, e faleceu em 2005. À docente foi proporcionada uma educação privilegiada. Com isso, escolheu seguir o caminho acadêmico e após ter concluído o ensino superior, deu continuidade a sua formação. Durante sua trajetória, viajava a outras cidades do país e do mundo para participar de cursos, congressos e eventos científicos, entretanto, mantinha-se ligada e estreitava à relação com seus familiares por meio de cartas (aqui analisadas 74 delas) que circularam nos períodos de ausência.

Com o mapeamento dessas cartas, foi possível identificar mais três atores diretamente

envolvidos: Orestes, o pai; Paulina, a irmã; e Dalena, a irmã mais nova. Orestes foi para quem Pórcia destinou suas cartas contidas na coleção e também foi de responsabilidade do pai o arquivo das epístolas recebidas e das cópias enviadas. Quanto às irmãs, recebidas da irmã Dalena, pode-se perceber que a relação e os temas discutidos entre as duas referiam-se ao lazer, aos encontros e às atividades que passavam a ser possibilitados para as moças de classe média urbana. Em relação às cartas de Paulina, as missivas expõem que a conexão tratava de temas ligados à vida doméstica e matrimonial, detalhes comuns de uma mãe, esposa e administradora do lar. Analisar as cartas trocadas entre Pórcia e seus familiares permitiu, então, perceber a intensidade do relacionamento familiar e algumas particularidades da professora.

As informações e os temas trocados não se reduziam ao remetente e ao destinatário. Fato é que o estudo das epístolas permitiu desvelar outros familiares que foram constantemente registrados nas cartas, tais como: Claro, irmão de Pórcia; Tatá, babá de Pórcia na infância; Léa, casada com Claro; Joaquim, casado com Paulina; os nomes dos sobrinhos Christina e Maria Cristina, Alena e Orestes Augusto. Por meio das missivas, Pórcia procurou expressar seus sentimentos para com os demais membros da família e expôs sua concepção mais ampliada dessa instituição.

A respeito da análise da materialidade do suporte epistolar, algumas características

subjettivas – quanto a fluxo, selos e timbres; forma de escrita; outras materialidades contidas; o padrão da saudação, da despedida e o pedido de resposta; e os múltiplos distanciamentos e tempos – puderam ser observadas. Notou-se ainda que o fluxo do envio de cartas relativo a cada viagem não está proporcionalmente ligado ao número de epístolas arquivadas, uma vez que nem todas as cartas trocadas mantiveram-se no arquivo. Selos e timbres fizeram parte do suporte material escolhido por Pórcia para sua escrita. A variedade de selos a incentivava a enviar cartas para compor a coleção do pai, mas com o passar do tempo, a docente passou a considerar essa prática onerosa. Já os papéis timbrados utilizados auxiliavam na materialização do local geográfico de onde a professora escreveu as cartas. Os momentos em que as epístolas eram escritas proporcionavam reflexões diferentes – as missivas escritas para seu pai eram manuscritas à caneta, elaboradas às pressas entre suas atividades de viajante, enquanto que as missivas registradas por Orestes eram todas datilografadas e feitas em locais cotidianos. Independentemente do momento de escrita, todas eram assinadas, o que promovia um sinal de pessoalidade às cartas. Para além de letras, as missivas eram suporte para o transporte de outras materialidades, como dinheiro, ervas medicinais ou fotos. Já as normas para elaboração das cartas aprendidas na escola influenciavam a escrita das missivas, porém a pessoalidade da escrita de Pórcia para com seu

pai foi expressa pelo constante uso da saudação inicial “Meu pai” e de despedida “Da filha que lhe pede a bênção”. No desenvolvimento das missivas, estavam os pedidos de respostas que representavam a urgência por notícias e a vontade de manter-se vinculada àquele que estava distante. O múltiplo distanciamento temporal e espacial entre Pórcia e o destinatário, e entre Pórcia e os eventos por elas narrados, foi evidenciado pelas diversas cidades de onde a docente escrevia, entre o momento de escrita e o tempo de chegada até o pai e na tentativa de ordenamento do suporte da escrita. Assim, as materialidades identificadas auxiliaram na compreensão das subjetividades da escrita de si de Pórcia.

Quanto à identificação dos temas narrados na escrita de si de Pórcia, nas missivas destinadas a seu pai, após a análise, foi possível perceber que a docente procurou narrar-se como um “eu” que descreve, cuida-se, relaciona-se, estuda e sente-se realizada. Pórcia descreveu voos, hotéis, cidades, climas, língua e costumes, locais de compras, valor da moeda e itinerários. Registrou, ademais, suas observações a respeito das comidas, das bebidas e da sua relação com seu corpo. Os registros sobre seu lazer, suas ocupações e sobre as pessoas com quem se relacionava em viagem foram desvelados. Igualmente, alguns relatos acerca dos cursos e das atividades acadêmicas de que participava durante as viagens foram registrados nas cartas. A escrita de si como uma pessoa realizada em seus

anseios de vida revelou-se nas missivas que enviava para seu pai. Os múltiplos temas abordados nas cartas traziam à tona um indivíduo múltiplo, fragmentado, contraditório, oscilando em pensamentos progressistas e em alguns momentos expressando ideias tradicionais.

Pode-se evidenciar que, por meio do “eu” descrevo de Pórcia, os feitos, o prestígio e sua disposição em viajar sozinha a locais de costumes e línguas distintas eram salientados. O prestígio do “eu” de Pórcia era representado mediante a descrição dos voos, dos locais internacionais e dos hotéis em que se instalava. O passar dos anos demonstrou que a utilização dos voos foi ressignificada nas descrições da professora, deixando de ser narrada como uma novidade e assumindo sua versão de utilidade. Quanto à descrição dos hotéis, em alguns momentos, atestava algo ligado ao luxo e à ostentação, mas em outros, eram descritos como locais necessários ao viajante. Dessa maneira, o “eu” descrevo os voos e os hotéis ligava-se tanto à ideia de uso quanto à de prestígio social.

O “eu” descrevo as cidades por onde passou registrado por Pórcia era um convite à imaginação do pai para acompanhá-la na viagem. Nessas descrições, o clima e os fenômenos naturais pormenorizavam o relato. O estranhamento e a familiaridade com as imagens que seu olhar captava eram registrados, entretanto Pórcia procurava evidenciar uma mulher forte e destemida diante da vida que se apresentava e das possibilidades

diante da morte. De qualquer forma, as descrições e a constante troca de missivas com seu pai auxiliavam na manutenção da relação entre eles.

A escrita de si de Pórcia evidenciou, inclusive, um “eu” me cuido da docente. O registro das missivas mostrou sua relação aberta para com as novidades gastronômicas por onde passava, desvelando uma mulher que apreciava a comida e o beber um bom vinho. Com essa constatação, apareciam os questionamentos em relação ao peso e ao seu aspecto físico. Pórcia, detentora de pele branca e de cabelos e sobrancelhas pretas – padrão de beleza apreciado na época e divulgado nos cinemas e nas revistas femininas –, considerava-se acima do peso e carente de uma beleza ímpar. Entretanto, julgava que tinha seu encanto para com os homens, afinal cantava, bailava e sabia conversar. Pórcia era aberta às novidades do período, usava maquiagem e calças compridas, mas em sua mala também levava saias e vestidos.

Pórcia, durante suas viagens, relacionava-se com várias pessoas diferentes que encontrava, o que evidencia um “eu” me relaciono. Nas missivas, apesar da distância, Pórcia expunha seus relacionamentos para seu pai e demonstra uma atitude não muito conservadora para o período, ou seja, mostrou-se despreocupada em seguir as normas e os padrões sociais divulgados. Ela aproveitava as viagens para interagir com o sexo oposto em atividades que variavam entre lanches, ir ao cinema, ouvir piano, bailar, ir ao cassino e

fazer passeios noturnos pela cidade. Assim, nos congressos e eventos científicos de que participava, relações e vivências distintas eram a ela proporcionadas.

Nesse sentido, as epístolas de Pórcia expõem um “eu” estudo. A participação em eventos científicos possibilitava a ela atualização de seus conhecimentos, intercâmbio de informações, além de a projetarem no campo educacional. Os registros de Pórcia desvelaram que seu tempo em viagens era distribuído entre os eventos científicos, os passeios e outras atividades que se dispunha a fazer. De toda forma, a participação e a apresentação de seus trabalhos eram motivo de realização.

O “eu” realizada, assim, foi evidenciado na análise das missivas de Pórcia. Uma realização que derivava da sensação de independência e de liberdade. Pórcia sentia que as viagens eram fruto de seus esforços acadêmicos e de seu trabalho e por isso as considerava uma conquista. Entre o período de 1946 e 1958, compunha um seleto grupo de mulheres independentes financeiramente, que tinham autonomia nas decisões sobre a própria vida. Triangulando todos os “eus” registrados nas cartas de Pórcia, é possível identificar um “eu” escrevo a minha história.

Não obstante o percurso relatado aqui, a escrita de si é apenas uma das possibilidades de análise desse material. Novas pesquisas podem seguir por caminhos da história antropológica e focar no reconhecimento de si por meio do olhar para o outro. Tem-se, ainda, por exemplo,

as visões de Orestes sobre a cidade dos anos de 1950, tema não tratado aqui. Outra possibilidade é o exame da história em conexão com os estudos sociológicos do *habitus*, proposto por Bourdieu (2015). Por tudo isso, demonstra-se que a coleção de cartas dispostas no envelope “Cartas enviadas ao meu pai” é fonte profícua para outros estudos.

Referências

- ABRAHÃO, M. H. B. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si/narrativa do outro como construção epistemo-empírica. In: ABRAHÃO, M. H. B.; CUNHA, J. L.; BÔAS, L.V. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 25-50.
- AREND, S. F. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016. p. 65-83.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Portugal: Edições 70, 2015.
- BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. Laços de Papel. In: _____ (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 5-9.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: ZOUK, 2015.
- BURKE, P. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Universidade, 1991.
- CAMARGO, M. R. R. M. de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Portugal: Difel, 2002.
- CUNHA, J. L. Escrever histórias para convencer os outros: memórias, diários e cartas de imigrantes. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 3, n. 7, p. 235-256, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/4332>>. Acesso em: out. 2018.
- _____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Edufscar, 2012.
- DIAS, M. O. Resistir e sobreviver. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016. p. 360-381.
- FERREIRA, J. C. Um breve histórico da aviação comercial brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA & CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS, 12., 2017, Niterói. **Anais...** São Paulo: Abphe, 2017. p. 1-26.
- GOMES, A. de C. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.
- _____. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____ (Org.). **A escrita de si: escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-26.
- IONTA, M. Oneyda Alvarenga escreve a Mário de Andrade. **Rev. IEB**, São Paulo, n. 37, p. 161-180, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n57/07.pdf>>. Acesso em: out. 2018.
- _____. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 91-101, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104->

026X2011000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: out. 2018.

LAGRAVE, R.-M.. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 5: O século XX, p. 505-550.

LE GOFF, J. **História & memória**. 7. ed. São Paulo: Unicamp, 2013.

LORIGA, S. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MALATIAN, T. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, F. A. (Coord.); SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MOTTA, A. B. Elas começam a aparecer. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016. p. 15-42.

OLIVEIRA, G. R. P. L. “Ocupar-se para não preocupar-se”: amizade, envelhecimento e escrita de si na epistolografia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 3, n. 8, p. 565-577, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpa/article/view/5209>>. Acesso em: out. 2018.

RIBEIRO, A. F. M. **Adentrando aos arquivos: formação e aspectos da atuação docente de Pórcia Guimarães Alves (1917-1962)**. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCPR, Curitiba, 2018.

ROSEMBERG, F. Mulheres educadoras e a educação de mulheres. In: PINSKY, C. B. PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 2. reimpr. São Paulo:

Contexto, 2016. p. 333-359.

SCHAPOCHNIK, N. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, F. A. (Coord.); SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SANT’ANNA, D. B. de. “Sempre Bela”. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016. p. 105-125.

SCOTT, A. S. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016. p. 15-42.

SCHMIDT, B. B. Os múltiplos desafios da biografia ao/a historiador/a. **Diálogos**, Maringá, v. 21, n. 2, p. 44-49, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Diálogos/article/view/39527>>. Acesso em: out. 2018.

STONE, L. Prosopografia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782011000200009>>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782011000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: out. 2018.

VIEIRA, A. M. D. P.; RIBEIRO, A. F. M. O arquivo pessoal da professora Pórcia Guimarães Alves (1917-2005): um suporte para a escrita de si. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, v. 76, n. 2, p. AOP, abr./jun. 2018. DOI: <<http://dx.doi.org/10.20396/rho.v18i2.8652179>>. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8652179>>. Acesso em: out. 2018.